

---

## LUTERO – 500 ANOS

### Do processo à celebração

*O mundo católico associa-se sem constrangimento às celebrações pelo 5º centenário do nascimento de Lutero, promovidas sobretudo pelas igrejas cristãs, provenientes da Reforma. É momento de festejar a vida de alguém, que, com original experiência cristã, em tempos tormentosos, deixou um grito ecoando através de séculos. O mundo católico conheceu antes longo período de processo condenatório. Hoje é o dia de celebrar a vida e por isso deixar de lado as acusações para momento de autocrítica e reconhecimento. Silencie-se, pois, o ardor apologético. Impere o espírito ecumênico, feito de conversão e de humildade acolhedora. Paulo VI iniciara em nível de Igreja universal, na hierática e solene inauguração da segunda sessão do Conc. Vaticano II (1963), atitude penitente diante de tantos séculos de incompreensão e combate de parte a parte.*

*Sem desconhecer justas observações históricas sobre as falhas humanas do monge agostiniano na origem da ruptura eclesial, cabe-nos como Igreja católica, auto-analisar-nos em vista de descobrir talvez estruturas eclesiásticas que impediram de compreender anseios legítimos expressos então por Lutero. Não se trata de inverter o processo contra uma igreja passada, que das cinzas do cemitério não teria condições de defender-se. Sim, fazer-nos lúcidos para não repetir cinco séculos depois erros hoje incompreensíveis e imperdoáveis pela consciência histórica.*

*O doloroso acontecimento da ruptura interna da Igreja no século XVI deixou-nos lições claras, de validade e atualidade inegáveis. Lutero não foi ouvido, não pôde ser ouvido, mesmo naquelas reivindicações lididamente evangélicas. De fato, a mundanidade do poder não consegue perceber e discernir traços cristãos no emaranhado confuso dos fatos, quando esses provocam sua autarquia. A Igreja de Leão X estava por demais envolta pelo gozo do poder, para deixar-se questionar por um monge alemão. Já tinha antes, nos escandalosos tempos de Alexandre VI, feito calar a voz ardente de Savonarola. Tinha forte na sua memória o Grande Cisma do Ocidente (1378-1417). O Concílio de Pisa ameaçara-lhe a tranqüilidade de poder sem apelação. Cardeais rebeldes não se detiveram, em suas intrigas de poder, nem diante de tramas homicidas. Nesse triste contexto histórico, a legítima autoridade se misturava com a embriaguez de poder absoluto, tornando-se surda e ofendida ante qualquer sussurro de questiona-*

---

mento. *"Todo poder corrone, o poder absoluto corrompe absolutamente". Lição sempre nova para as igrejas como para os estados. Já o Mestre nos alertara no Evangelho para que entre nós não fosse assim, colocando-se o primeiro ao serviço de todos, no último lugar da escala da humildade. Esse olvido do Evangelho foi violentamente despertado por Lutero, ao atribuir a Roma em momento de ardente ira "a expansão de todos os maus exemplos de infâmia religiosa e mudana como promanando de um mar" (Do Papado Romano).*

*Roma não ouviu Lutero, não pôde ouvi-lo porque desde longos séculos o cristão suspeito de heresia nunca era ouvido, mas logo enquadrado no processo inquisitório e condenatório. Estrutura vigente há tanto tempo que a sensibilidade evangélica da correção fraterna (Mt 18, 15-17) ou a atitude de "antes salvar que condenar a proposição do próximo" (S. Inácio de Loiola, EE.EE., n. 22) tinham dado lugar a inquebrantável intransigência. Ortodoxia rígida fecha qualquer abertura, não captando os sussurros inenarráveis do Espírito (Rm 8,26) no meio ao vozerio de torvelinho humano. Na medida em que tais atitudes se prolongam hoje na Igreja, corre-se o mesmo risco de não entender a novidade de uma Igreja na base, o surto primaveril da opção pelos pobres, confundindo-os com a ganga de ideologias espúrias. Assim o veio evangélico aurífero é jogado nos canais de dejetos juntamente com o cascalho das inconseqüências humanas.*

*Poder autoritário mundano, intransigência ortodoxa, esquemas filosóficos e teológicos rígidos bloquearam uma Igreja no momento dos questionamentos de Lutero, reproduzindo no seu seio comportamentos análogos a um estado autocrático. Poder-serviço, abertura a qualquer migalha de verdade, venha de onde venha, sentido de sua natureza sacramental salvífica ficam como aprendizado doloroso de tão turbulenta história, para que nos momentos atuais, não menos confusos e violentos, não percamos o fluxo histórico e a passagem do Espírito.*

*Reconhecimento por inúmeros temas teológicos, reintroduzidos ou criados por Lutero, impõe-se-nos num momento de sinceridade histórica. Na entrada da modernidade, a teologia católica estava ancilosada numa escolástica decadente. Emaranhara-se no cipoal das distinções formais, na aridez de objetividade coisal ou perdida em piedade de atos aprisionadores. Lutero tenta romper tal círculo de ferro. "Um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém" (Da Liberdade Cristã, n. 1). "Nenhuma coisa externa, seja qual for, o torna justo ou livre" (Ib. n. 3). Numa secularização avant la lettre avança dizendo que "nada prejudica a alma, se*

---

o corpo se cobre com vestimentas profanas e mora, come e bebe em lugar não santificado, não peregrina, nem reza, nem faz as obras que os hipócritas acima mencionados fazem" (Ib. n. 4), em forte invectiva contra os sacerdotes e religiosos que valorizavam o espaço religioso.

Essa sede de liberdade que vinha desvestir um cristianismo carregado de ornamentos pesados de obras, obrigações, ritos com forte acento animista, não parava numa atitude puramente negativa. "Liberdade de" em vista de uma "liberdade para". "Um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos". Essa dialética tipicamente paulina é retomada por Lutero em relação com a Palavra de Deus e na respectiva atitude de fé. Nessa direção, desde suas jovens intuições até à maturidade teológica, vai encaminhar-se o pensamento de Lutero. Recoloca no centro da vida cristã a Palavra de Deus em toda sua força. "Nem no céu, nem na terra, existe para a alma outra coisa em que viver e ser justa, livre e cristã, que o Santo Evangelho, a Palavra de Deus, pregada por Cristo" (Ib., n. 5). Esta Palavra que é pregação e que exige de nós fé, confiança, entrega. Liberdade cristã, relevância da Palavra de Deus, fé-confiança, descrédito de nossas obras como segurança de salvação são temas fundamentais da teologia de Lutero que trouxeram para dentro do catolicismo novo vigor, oxigênio puro.

A cinco séculos de distância, floresce em nossa Igreja do Brasil, em forma nova e original, essa intuição básica de Lutero. Uma Igreja que vive da Palavra de Deus. Assim as comunidades eclesiais, formadas por cristãos pequenos e pobres, se criam e recriam em torno dessa Palavra. Não tanto, como imaginara Lutero, para alimentar a alma, mas para desencadear um compromisso fraterno de luta. Essas comunidades, sujeito de leitura da Escritura, experimentam a força e a luz dessa Palavra nos momentos conflitivos das lutas reivindicatórias. É uma Palavra que não só nos faz livres, mas desencadeia o processo de libertação.

Ainda que a posição de Lutero em violenta crítica à valorização católica das obras possa, como de fato o tem feito, engendrar posições politicamente conservadoras no mundo protestante, ao desvalorizar as mediações políticas humanas, permite, a partir de nosso contexto, outra leitura. A raiz da crítica de Lutero às obras não vem do desprezo antimoderno e medieval das ações humanas, enquanto fruto de liberdade e decisão, mas da terrível "hybris" do apetite concupiscente de querer prevalecer-se sobre os outros a partir de suas

---

obras. É essa a raiz da dominação. Lutero encontra-se, nesse ponto, com a corrente de águas profundas que alimentam a teologia da libertação. Em nosso Continente, a dominação se prolonga precisamente pelo prevalecer-se das classes no poder, apoiadas em suas obras — dinheiro, poder, prazer, consumismo, etc... — sobre a miséria escandalosa das grandes maiorias. “Ainda que te transformes todo em boas obras até os pés, não serias justo, nem darias a Deus honra alguma com isso...” Honrar a Deus “nunca fazem as boas obras, mas unicamente a fé do coração” (Ib. n. 13). Esta conversão do coração exigida por Lutero em oposição às boas obras adquire em nossos países a força de um apelo a nova reestruturação de uma sociedade, fundada “nas boas obras” da riqueza, do progresso, do desenvolvimento de pequeno grupo, que dele se prevalece.

Lutero é antifarisaico, antipelagiano ao extremo. Recoloca a problemática para dentro do horizonte da fé. Ora, uma fé no Evangelho desmonta toda a estruturação atual da Sociedade, precisamente porque desloca o sentido das obras, do seu caráter de gigantismo e dominação, para o serviço e o sentido último de sua relação com Deus, com a Palavra da Revelação.

Como Igreja católica, situada na periferia do mundo rico, em momento de extrema crise social e moral de nosso país, a memória de Lutero, com sua corajosa luta pela libertação cristã, pela precedência única da Palavra de Deus, pela gratuidade absoluta da salvação, pelo sentido existencial da vida cristã, desperta-nos para a esperança e a firmeza na luta por sociedade profundamente cristã e justa.